

*Um percurso pela cintura cabo-verdiana da Amadora:
o Bairro do Alto da Cova da Moura, na Buraca*



Não obstante os recentes processos de Vizela, Trofa e Odivelas, a Amadora ainda vai conservando o título de mais jovem concelho do País com órgãos democraticamente eleitos. A esta particularidade de carácter geográfico associa outras, com destaque para o falso paradoxo que resulta da conjugação da sua pequenez (trata-se do município com menor superfície da AML) com uma elevadíssima densidade demográfica (cerca de 7500 hab./km²), apenas ligeiramente suplantada pela da própria capital.

Situado na periferia imediata de Lisboa, o território do actual concelho da Amadora experimentou um primeiro impulso dinamizador na sequência da abertura da linha de caminho-de-ferro de Sintra, em 1887. Contudo, foi necessário esperar até ao período subsequente à Segunda Guerra Mundial, com destaque para os anos compreendidos entre 1950 e 1980, para que a Amadora capitalizasse crescimentos populacionais significativos. Às silhuetas baixas das vivendas e quintas da Porcalhota⁶³ e do próprio Bairro Novo da Venda Nova, edificado nos anos 50, vieram sobrepor-se perfis urbanísticos marcados pelo gigantismo vertical, quando as características suburbanas se afirmaram e os migrantes internos encontraram dormitório às portas da cidade. Mas este contínuo urbano de bairros agigantados, por alguns designado como «traseiras de Lisboa», é também marcado pelos seus interstícios. Terrenos públicos, lotes que não foram transaccionados, quintas que prolongaram resistências, abriram espaços para outro tipo de ocupação, baixa e irregular nos contornos físicos, formalmente ilegal, mas envolta numa clandestinidade tolerada por quem não soube dar outros destinos à habitação metropolitana em Portugal.

E os bairros clandestinos que foram surgindo nos anos 60 expandiram-se e consolidaram-se na década seguinte, também marcada pelo processo de transição residencial que os foi progressivamente africanizando. Às portas de Lisboa, a antiga estrada militar situada no termo da capital cose sucessivos bairros deste tipo, unidos pela imperfeição das construções, pela complexidade do tecido urbano e pela origem africana da maioria das suas populações, com destaque para o arquipélago de Cabo Verde. O Censo de 1991 diz-nos que o concelho da Amadora regista a segunda maior concentração de população de nacionalidades africanas do País, apenas suplantado por Lisboa.

Contudo, se considerarmos apenas os cabo-verdianos, a Amadora destaca-se em relação a todos os outros municípios, podendo mesmo ser considerada uma das maiores localidades cabo-verdianas da Europa⁶⁴.

Os bairros clandestinos – Seis de Maio, Estrela de África, Cova da Moura... – são as principais áreas de residência desta população. É aqui que se geram os quotidianos e se reconstróem as sociabilidades. É também aqui que se dão as erupções de violência e se vai moldando um território onde a plasticidade do passado tem algumas dificuldades em conviver com a rigidez do presente. E a Cova da Moura é apenas um exemplo...

Materialização do espaço flexível: tempo, território e plasticidade

Visto nos mapas, o Alto da Cova da Moura tem a forma de um círculo imperfeito, envolvido na metade norte pelos prédios das urbanizações da Damaia e da Buraca e no sector sul pelo IC 19. A localização do Bairro num topo que sobressai da envolvente morfológica imediata justifica, em simultâneo, o forte declive que marca a transição entre a Cova da Moura e a Damaia e a magnífica panorâmica sobre as plantações de betão que se espraiam pelo concelho da Amadora e arredores. A toponímia, sem ser bonita, acaba por ser um casamento feliz entre características físicas e elementos de um passado recente: a situação elevada justificou o termo Alto e Cova da Moura remete para o buraco de uma pedreira outrora explorada no terreno, junto da qual habitava uma certa família Moura.

Ao contrário dos três bairros já percorridos, a Cova da Moura apresenta um tecido construído marcado por uma trajectória de grande flexibilidade. Enquanto as construções da Bela Vista, da Cidade Nova ou mesmo da Quinta do Mocho oferecem aos residentes estruturas rígidas, susceptíveis de alterações limitadas, que os forcem a adaptar-se ao espaço doméstico e à envolvente residencial, a Cova da Moura foi crescendo com os seus habitantes, impulsionada pelos seus sonhos e faseada pelos ditâmes da evolução das suas fortunas pessoais. O resultado, se bem que longe de constituir um conjunto urbano bonito, revela elementos originais em cada quarteirão.

Até 1974, o terreno onde hoje se situa o bairro do Alto da Cova da Moura era um espaço de cultivo, onde à cultura do trigo se associava a presença de uma vacaria e de uma pedreira. Ao redor, outros

63

O lugar da Porcalhota, situado na estrada Lisboa-Sintra, foi o embrião da actual Amadora. A este município sucediam-se oficialmente esta designação em 1907. O nome Porcalhota teria origem na alcunha atribuída a uma filha do fidalgo Vasco Porcalho, importante terratenente local que viveu na segunda metade do século XIV. A graça e a gentileza da jovem acabaram por conquistar as populações locais que passaram a designá-la por Porcalhota, que significa leitão. A utilização deste diminutivo, construído a partir do apelido da família, não teria um sentido maldoso, sendo antes reflexo de simpatia e ternura por parte da população (MARTINHO SIMÕES, A., *Concelho de Oeiras e Freguesia da Amadora*, Oeiras, 1969).

64

O Censo de 1991 registou 2909 cidadãos cabo-verdianos no concelho da Amadora. A este município sucediam-se Lisboa e Oeiras, com 2353 e 2048 cabo-verdianos, respectivamente. Informação mais recente recolhida no estudo *Os Números da Imigração Africana* (DEDIAP – Centro de Estudos Padre Alves Correia, 1995) aponta para mais de 13 000 cabo-verdianos na Amadora. Assumindo este valor como referência, deve mencionar-se que apenas duas cidades de Cabo Verde (Praia e Mindelo) têm volumes de população superiores.

terrenos iam sendo progressivamente incorporados na cidade, transitando da função agrícola para a função residencial mediante a construção de grandes conjuntos habitacionais. Provavelmente, o morro da Cova da Moura seguiria o mesmo destino, não fossem os efeitos da Revolução de Abril sobre o sector habitacional, incluindo-se aqui uma mudança na atitude das pessoas face a esta problemática.

Ainda em 1974, algumas famílias com problemas de habitação instalaram-se no morro, erguendo barracas com materiais precários e demarcando pequenas hortas. Três anos depois, deu-se uma verdadeira explosão no processo de ocupação do terreno, em virtude da instalação rápida e intensiva de numerosas famílias, em larga medida oriundas das ex-colónias africanas. Retornados⁶⁵ de Angola e Moçambique e africanos, sobretudo de Cabo Verde, colocaram em prática um processo de urbanização espontâneo e transformaram um campo num bairro de barracas e construções precárias e este, por sua vez, num espaço residencial complexo composto por edifícios de alvenaria de tijolo com cérceas entre dois e três andares. Estas famílias, chegadas a Portugal na sequência de um processo de «repatriação» brusco, violento e, em muitos casos, traumático, não apresentavam, frequentemente, níveis de solvência suficientes para permitir a rápida aquisição de habitação. Em diversas situações, a opção foi a ocupação de terrenos e a construção de habitações clandestinas que, à boa maneira de quem possui um espírito aguçado pela aventura da emigração e pela inerente capacidade de risco e de adaptação, era efectuada velozmente durante o fim-de-semana, suscitando uma ocupação imediata a fim de evitar as demolições promovidas pelas autoridades locais. Os novos moradores pagavam aos habitantes das barracas e aos utilizadores das hortinhas para libertarem os terrenos, promoviam a delimitação das «suas propriedades» e iniciavam de imediato a construção. Eram fins-de-semana de trabalho familiar e colectivo, em que o esforço de instalação prolongava o esforço de (re)adaptação a uma «nova» sociedade, onde a comunidade linguística era insuficiente para mascarar as diferenças socioculturais.

E assim se foi fazendo um bairro, de um modo rápido e desorganizado, com tensões e conflitos constantes. Se a estrutura urbana se foi consolidando, não só como consequência da

progressiva instalação de infra-estruturas (arruamentos asfaltados, água, esgotos, recolha de lixo) mas também devido à evolução de muitos edifícios que acabaram por perder a sua permanente condição de semiacabados, a situação original de irregularidade jurídica ainda hoje prevalece, uma vez que o terreno continua a ser propriedade privada de terceiros, não sendo os moradores proprietários ou arrendatários dos seus lotes. Efectivamente, o Bairro da Cova da Moura associa a ilegalidade da ocupação a um loteamento espontâneo e irregular, onde cresceram, como é natural, construções não autorizadas.

A melhoria das condições de habitabilidade, proporcionada pela infra-estruturação e pela instalação de equipamentos colectivos (escola do 1.º ciclo, sedes do clube desportivo e da associação cultural, polidesportivo descoberto), não teve correspondência na identificação de soluções para o estatuto jurídico e para a desorganização urbanística, bem mais nítida nuns quarteirões do que noutros. O esforço de mais de uma década de negociações entre a Câmara Municipal e a família proprietária do terreno ainda não conseguiu frutificar. Sem o advento da solução jurídica, a execução de um plano de urbanização que enquadre o processo de recuperação urbanística do Bairro tem sido protelado, até porque a divisão de custos e competências entre a Câmara Municipal da Amadora e a Comissão de Moradores local ainda não está assente.

Um percurso pela paisagem urbana da Cova da Moura põe em evidência um conjunto de contrastes na unidade quase forçada do Bairro. A primeira grande divisão estabelece-se entre os quarteirões que se desenvolvem junto à base da vertente norte, sobranceira à Damaia, e o restante espaço do Bairro. Aqueles, ocupados mais precocemente por população predominantemente branca, caracterizam-se pela maior perfeição nos alinhamentos e pelos lotes de dimensões superiores, frequentemente dotados de jardim/horta e de habitação já concluída. O restante Bairro, maioritário em termos de superfície e população, essencialmente cabo-verdiana, mas com importantes núcleos de guineenses e angolanos, apresenta um tecido urbanístico complexo, dominado pela heterogeneidade das construções, desalinhas ao longo de ruas prolongadas por vielas e becos estreitos que não conhecem o asfalto. Nuns casos, as habitações já têm três pisos e telhado, possuindo no

⁶⁵ Utiliza-se retomado num sentido genérico para designar os indivíduos brancos e mestiços, com origem ou ancestralidade portuguesa, e as suas famílias que vieram para Portugal na sequência do processo de descolonização.

exterior revestimentos de azulejos modernos, de sabor tão português. Noutros, a capacidade de poupança ainda não chegou ao segundo (ou ao terceiro) piso, pelo que a placa de betão armado ainda se mantém como cobertura e o cinza do cimento predomina como cor dominante. Nalguns quarteirões, a densidade de construções é tal que as empenas quase se tocam, dificultando a circulação e a presença do sorriso do sol. Quem já passeou pelos bairros que envolvem a Cidade da Praia ou o Mindelo acaba por encontrar afinidades entre os dois espaços: as ruas por asfaltar, a prática de processos de construção evolutiva auto-executada que acompanham as disponibilidades de tempo e dinheiro dos proprietários, o estado permanentemente inacabado dos edifícios... Esta semelhança de natureza urbanística prolonga a comunalidade sociológica e geográfica das populações, existindo diversas situações de «posse» simultânea de habitações (ou de terrenos urbanos) na Amadora e em Cabo Verde. É o caso de João, operador de guias da construção civil, que vai alimentando o sonho do retorno com visitas trianuais ao arquipélago onde nasceu e, também, com o projecto de construir a sua casa no terreno que adquiriu há uns anos em Espargos, ilha do Sal, localidade onde passou a juventude. A esposa partilha o desejo, mas vai lembrando a necessidade de se preencherem as poupanças planeadas e de garantir o futuro dos filhos, sobretudo do mais novo, o Manuel, que só tem 9 anos. Pois é, a verdade é que na emigração, às diferentes gerações correspondem diferentes geografias e à «cabo-verdianidade» dos pais corresponde a «portugalidade» mitigada dos filhos, nascidos na Área Metropolitana de Lisboa, território e quotidiano de referência para quem vai desenhando progressivamente um futuro.

Mas a adopção de processos de construção evolutiva não reflecte apenas a necessidade de ajustar os investimentos na habitação às disponibilidades financeiras da economia doméstica. Este processo lento de «ir fazendo» dota o espaço da casa e a sua envolvente de uma razoável flexibilidade, facilitando determinadas práticas do quotidiano e permitindo a introdução de modificações ajustadas a novos ciclos de vida e a novas opções familiares e profissionais. Um estreito terraço exterior situado na frente da casa e coberto com um alpendre é utilizado pelas mulheres para pilar o milho, previamente molhado e colocado no interior de um recipiente

denominado pilão, a fim de ser batido com um pau até perder o farelo. No mesmo terracinho são estendidos panos e sacas de serapilheira, sobre as quais o milho pilado seca ao sol, antes de ser peneirado com recurso a um *balais*⁶⁶. Mas este pequeno terraço tem outros usos, podendo ser utilizado por barbeiros sem estabelecimento como salão ao ar livre, onde instalam uma cadeira, um espelho que o próprio cliente segura e uma bacia com água que serve para molhar a tesoura. É assim que trabalha o Sr. Manuel, natural do Mindelo, com uma estória de emigração antiga que passa por Roterdão e pela vida de embarcado, para terminar na construção civil em Lisboa, onde um acidente de trabalho acelerou o seu afastamento precoce em relação a esta actividade. Hoje, com destreza e mão firme, vai cortando o cabelo de conterrâneos e vizinhos e contando a sua estória pessoal, polvilhada por algumas ilusões que, como os novelinhos de cabelo que vão caindo no chão, se foram desfazendo progressivamente.

Mas a flexibilidade das habitações não se reduz ao espaço fronteiro à casa e à utilização que lhe é dada. Nos casos em que existe quintal, pequeníssimas plantações de legumes (abobrinhas, couves, cebolas...) misturadas com uma ou outra árvore de fruto (bananeiras raquíticas, ameixoeiras e outras) ajudam a complementar a economia doméstica e a preencher tempos de lazer, para além de, no caso dos cabo-verdianos, introduzirem um toque de africanidade vegetal.

A própria temporalidade da construção dos sucessivos pisos da habitação ajusta-se a diferentes opções domésticas. Pode acelerar-se a construção do primeiro andar porque os filhos estão a atingir a maioridade e é importante oferecer-lhes uma possibilidade de residência independente. Numa situação de conflito matrimonial extremo, um casal chegou mesmo a dividir fisicamente a casa, construindo uma parede divisória entre a parte dele e a parte dela.

Num âmbito diferente, a conclusão do(s) piso(s) superiores alarga o leque de possibilidades da economia doméstica, uma vez que permite arrendar uma parte da casa, tanto integralmente como sob a forma de quartos individuais. No caso da Cova da Moura, este processo é comum, sendo frequentes as situações em que os proprietários mais antigos, normalmente imigrantes cabo-verdianos, arrendam quartos e partes de casa a

guineenses e a angolanos, chegados mais recentemente. Uma outra estratégia consiste na transferência da área habitacional para o piso superior, deixando livre o rés-do-chão para a instalação de um estabelecimento comercial. Cafés, mercearias, cabeleireiras, barbeiros e outras actividades espalham-se por diferentes ruas da Cova da Moura, animando a economia local e contribuindo para gerar uma simbiose entre função residencial e função comercial.

Sociabilização, violência e reconstrução identitária

Apesar da originalidade do espaço e do progresso nas infra-estruturas, viver na Cova da Moura não é fácil. De todos os bairros percorridos, este é aquele onde os indícios de violência e os relatos desta surgem com maior frequência e naturalidade.

No meio de uma conversa, R., um velho amigo que reside e trabalha no Bairro há mais de dez anos, apresenta-nos uma colecção macabra: meia dúzia de balas de revólver que foi apanhando, ao longo dos anos, na Rua Principal. Os relatos de assaltos são relativamente frequentes e, até há alguns meses, os homicídios nocturnos pareciam acompanhar o ciclo das estações do ano. Hoje, as coisas estão mais calmas, até porque o Corpo de Intervenção da PSP exhibe uma presença mais frequente, como aliás pudemos constatar em duas das nossas deslocações.

Quando se discutem as causas para a tensão latente e para as explosões de violência, os moradores insistem em dois aspectos clássicos: o tráfico de droga e os problemas de adaptação enfrentados pelos membros da denominada segunda geração, isto é, pelos filhos dos imigrantes cabo-verdianos, gente que, na maioria dos casos, nasceu e/ou cresceu na periferia de Lisboa.

Embora os indícios exteriores relativos ao consumo de drogas não sejam muito evidentes na Cova da Moura, toda a gente se refere à existência de tráfico e de outras actividades ilícitas. Aliás, num ambiente dominado pelo trabalho na construção civil e nas limpezas industriais e domésticas, é extremamente curiosa a sobre-representação de automóveis de cilindradas elevadas e mesmo de luxo, de que é exemplo extremo um *Porsche* brilhante de modelo bem recente. Por vezes, estes veículos coloridos percorrem o Bairro em rápidas acelerações, inundando-o com o som elevado das

suas aparelhagens que vão espalhando ritmos africanos. É um mundo de tensões e jogos encobertos, onde a maioria da população ainda tenta viver um quotidiano normal. Depois, há a tal 2.ª geração que transporta consigo um conjunto de problemas complexos...

Celestino, ou DJ Celi, como é conhecido pelos amigos, tem 21 anos e é animador social na Associação Cultural do Bairro (o Moinho da Juventude). Nascido na Assomada (ilha de Santiago), veio para Portugal miúdo, quando os pais optaram pela emigração para a Área Metropolitana de Lisboa. Apaixonado pela música, é responsável pela caixa de ritmos em dois grupos do Bairro: os Eclipse e os Dream Factory.

Sábado à tarde é, normalmente, dia de ensaio no espaço jovem da Associação Cultural. Paulo (PK), Carlos (Angel), Celi, Edgar (Mandíglas) e Zanatt, a única rapariga da banda, soltam o som e a voz aos microfones, efectuando a gravação de um tema próprio denominado *Grita Liberdade*, que retrata um pouco do sofrimento dos povos africanos, durante a escravatura, nas sucessivas guerras... O ritmo da melodia é relativamente suave e profundo, reconhecendo-se a influência da música *soul*. Aliás, esta banda portuguesa, mas de raízes transnacionais⁶⁷, privilegia o ritmo *soul-rap*, cabendo à voz do *rapper* Paulo (en)cantar os temas de amor e enfatizar as letras de carácter social (sobre crianças maltratadas, discriminação racial...). Após o ensaio, a gravação da música é escutada com o objectivo de se avaliar a qualidade. Alguns jovens mais novos que assistem ao ensaio concentram-se na audição, eventualmente soletrando as letras produzidas pela *Fábrica de Sonhos*, quem sabe acreditando em trajectórias de emancipação e fantasia catalisadas através da música.

O grupo Eclipse⁶⁸ (Celi, João e Kajú) também ensaia no mesmo espaço, só que os ritmos são outros. A música de dança de sabor antilhano (a *kizomba*) alterna com um ou outro funaná cabo-verdiano, país de onde são naturais todos os membros do grupo. Numa outra canção, exploram os sentimentos de revolta dos trabalhadores imigrados, sujeitos a um ritmo de vida que parece sobrepôr-se e mesmo impedir todos os prazeres do quotidiano. Kajú, um dos poucos naturais da ilha do Maio a residir no Bairro, é o único músico que trabalha na construção civil, partilhando as dificuldades da maio-

⁶⁷ O Carlos e o Paulo nasceram em Portugal, embora os pais sejam oriundos da ilha de Santiago; o Celi é natural de Cabo Verde e o Edgar e a Zanatt vieram de São Tomé.

⁶⁸ O motivo que está na origem deste nome é bastante curioso. Segundo os próprios membros do grupo, a sua situação entre dois tipos de elementos – as mulheres e a música – justifica «esta coisa de eclipse». Desta conclusão até atribuírem o nome ao grupo foi um passo pequeno.

ria dos homens adultos da comunidade cabo-verdiana, sobretudo a partir do momento em que o pai faleceu.

Para a maioria dos membros dos grupos, os arquipélagos africanos foram lugar de nascimento, mas não de crescimento e nem sequer de visita frequente. Deste modo, o processo de sociabilização tem muito de português: das regras de convivência na cidade, das práticas apreendidas na escola, das relações no mundo do trabalho. Claro que prevalece uma raiz cabo-verdiana, sustentada pela família e pelo processo de convivência no âmbito de um bairro predominantemente étnico, onde cerca de 75% da população tem origem em Cabo Verde⁶⁹. É por isso que Kajú deseja passar o dia da padroeira do Maio (Senhora da Luz) na ilha, se possível em Setembro do próximo ano, deslocando-se também a São Vicente, a fim de assistir ao festival de música da Baía das Gatas⁷⁰.

A tarde aproxima-se do fim e a sessão de gravações também. No caso presente, o trabalho desenvolvido tem um objectivo concreto: entregar uma cassette com os resultados do ensaio a um agente que aventou a possibilidade de os grupos tocarem na EXPO. Canções, esperança e sonhos convivem no retângulozinho de plástico. «Vermos», vão dizendo os músicos, entre a dúvida e o desejo.

Levados pela música, estão no espaço jovem desde o meio-dia, tendo ignorado completamente os pedidos alimentares que o corpo normalmente sugere. Para depois do jantar combinam-se encontros e convívios, naturalmente fora do Bairro. «Porquê?»

«O ambiente do Bairro ainda é mau. É por isso que temos sempre de procurar outro lugar. E agora está melhor... muito melhor.»

«Pois é, nós nunca tamos cá no Bairro. Só se houver uma festa ou para ensaiar. Podemos tar bem com o pessoal de cá, mas de repente surge uma confusão... e nós, confusão nem vê-la.»

É o estigma do Bairro a emergir de novo e desta vez claramente associado à população jovem. As tradicionais explicações sociológicas que associam os problemas dos filhos dos imigrantes a um posicionamento sociocultural de fronteira, situado numa espécie de *interface* entre a cultura de origem e a de destino detêm, no caso concreto, um poder explicativo claramente incompleto. É certo que o sucesso escolar é limitado⁷¹ por factores como o menor domínio da

língua portuguesa «de Portugal», só que a isto se associa um capital cultural e económico relativamente reduzido que actua como inibidor de uma inserção bem-sucedida num sistema escolar que detém regras, linguagem e valores próprios. Como diz Kajú:

«Até à 4.^a classe em Cabo Verde foi bom. Aqui foi o espalhanço total. Nem sempre temos aquelas condições dos pais. Pagar a uma explicadora. Já nem digo a língua... posso ser bom a matemática, mas a português sou um zero.»

Crianças que crescem depressa e que vivem o quotidiano por si mesmas, sem a presença dos pais, muitas vezes submergidos pelo trabalho. Insucesso escolar, tensões frequentes associadas à presença de tráfico de droga que cada vez envolve os jovens mais precocemente. É uma atmosfera difícil que, frequentemente, desemboca no desemprego ou em profissões duras e mal remuneradas que não possibilitam a satisfação dos desejos de consumo, universalmente divulgados pelos *media* e disponibilizados nas novas catedrais, de que o Colombo é um exemplo extremo e geograficamente próximo.

Com o objectivo de contrariar estes processos de degradação e desestruturação, a Associação Cultural Moinho da Juventude desdobra-se em actividades, procurando começar com as crianças, no jardim infantil, no ATL ou na organização das colónias de férias. Oficialmente constituída em 1987, esta IPSS desempenha um papel fundamental na dinamização do Bairro e na promoção da qualidade de vida dos seus habitantes. De algum modo nascida do espírito de iniciativa de um casal luso-belga residente no Bairro (a Liv e o Eduardo), a Associação Cultural conheceu um forte crescimento ao longo dos últimos dez anos, intervindo nas diversas vertentes da vida social do Bairro. Os moradores adultos podem recorrer a ela para obter informações sobre processos diversos como as regularizações extraordinárias de imigrantes clandestinos ou o esforço de legalização do Bairro, este último mais situado no âmbito das tarefas da Associação de Moradores. Alfabetização de adultos e formação profissional são outras actividades desenvolvidas pelo Moinho da Juventude, sendo possível encontrar mulheres a assistirem a uma aula sobre economia de Bairro numa sala e jovens a praticarem informática ou carpintaria noutra. Acções de apoio a toxicodependentes e às famílias com crianças pequenas (ensinar os pais a brincar

⁶⁹ Informação da Associação Cultural Moinho da Juventude. Apesar da sobre-representação global dos cabo-verdianos, algumas ilhas deram contributos maiores para a população do Bairro, com destaque para Santiago, Fogo e, em menor grau, São Nicolau.

⁷⁰ O festival de música da Baía das Gatas realiza-se anualmente em São Vicente durante o mês de Agosto e é um dos maiores certames musicais do espaço lusófono. Tem a duração de três dias e reúne músicos de diversas origens, com privilégio dos intérpretes africanos, nomeadamente de expressão portuguesa.

⁷¹ De acordo com as informações fornecidas por Vladimir Nobre Monteiro, em *Portugal/Crioulo* (Instituto Caboverdeano do Livro e do Disco, Praia, 1995), os alunos cabo-verdianos apresentam o segundo maior índice de insucesso escolar em Portugal, após a comunidade cigana. Em 1992, na Área Metropolitana de Lisboa, as taxas de reprovação das crianças cabo-verdianas atingiam 41% e 60%, respectivamente, nas 1.^a e 2.^a fases (p. 56).

com os filhos) também se incluem no leque de projectos em curso. Ao todo, a Associação movimenta centenas de pessoas, entre aquelas que frequentam as actividades e as que as apoiam, leccionam ou orientam, sempre que possível recrutadas no Bairro, por vezes na sequência de cursos ou acções de formação promovidos pelo próprio Moinho da Juventude.

O esforço e o empenhamento têm sido grandes, e a Associação tornou-se referência obrigatória na vida do Bairro, justificando o reconhecimento interno e externo. O Centro Regional de Segurança Social, o Ministério do Trabalho e Solidariedade Social e a Câmara Municipal da Amadora são algumas das entidades que têm apoiado esta IPSS, que consegue fundos para muitas actividades mediante candidaturas de qualidade apresentadas a diversos programas de âmbito comunitário: Horizon, Integrar e outros.

Mas não é apenas a nível institucional que emergem processos de qualificação e resistência. Individualmente, os membros da população também reagem, designadamente os jovens, filhos dos imigrantes africanos. Na verdade, a pobreza associada a uma entidade étnica de contornos por vezes mal definidos acabam por ajudar a fermentar cultos de sucesso e resistência. À adopção de uma simbologia que remete para o êxito dos negros dos Estados Unidos (os bonés de pala, a música *rap*, o basquetebol e os ténis *Nike*...) associam-se afirmações de poder e territorialidade, estampadas nos *grafitti* escritos em inglês que decoram as paredes da Cova da Moura. Por outro lado, a origem africana emerge como elemento de resistência e de identidade colectiva expressa através da música (cabo-verdiana, guineense, do Zaire...), das pinturas murais evocativas de paisagens cabo-verdianas e dos próprios *pins* com o formato do mapa de África e as cores do continente – verde, vermelho e amarelo. Por vezes, as fronteiras da africanidade ultrapassam o próprio continente e fundem-se numa perspectiva crioula que abarca *Bob Marley* e o *reggae*, misturando cores, sons e cheiros que o Atlântico uniu. Afinal, a identidade destes jovens portugueses de pele mais escura⁷² corresponde a uma (re)construção mais profunda do que a dos seus pais, tão bem retratada por Ana Saint-Maurice no livro *Identidades Reconstruídas – Cabo-Verdianos em Portugal*:

«O património cultural herdado pelo povo cabo-verdiano traduz-se nas mais diversas práticas, sendo a língua aquela que melhor exprime uma diferença, mas também uma origem e uma história comuns. Se alguns há que a usam de uma forma absolutamente instrumental e pragmática [...], outros utilizam-na com o propósito de revalorização cultural e afirmação da sua singularidade em relação à sociedade receptora.»

(Saint-Maurice, A., *op. cit.*, p. 157.)

Um dia na Cova da Moura: actividades económicas, espaços domésticos e algumas estórias

Mas o Alto da Cova da Moura não é apenas um bairro residencial. Efectivamente, a última década foi fértil em relação ao dinamismo da economia local, estando actualmente instalados na Cova da Moura cerca de 115 estabelecimentos de comércio e serviços, sem contar com as diversas bancas de rua instaladas no ponto mais elevado da Rua Principal e suas proximidades. A consolidação da situação *de facto* do Bairro, o crescimento demográfico e o progressivo incremento dos rendimentos das comunidades africanas abriram as portas para a expansão do comércio étnico, alicerçado, por um lado, na maior capacidade de procura e, por outro, nas maiores possibilidades de investimento e de assumir negócios por conta própria.

A função comercial predominante corresponde aos cafés/snack-bares, locais de convívio por excelência dos diferentes subgrupos que habitam no Bairro. Nalguns encontram-se sobretudo os jovens, noutros os angolanos e os zairenses são os principais clientes. Há, também, os que quase não são frequentados por mulheres e aqueles que associam as características típicas de café à restauração com base em pratos cabo-verdianos: a omnipresente cachupa⁷³, mas também o polvo guisado e os pratos com atum⁷⁴. Num ou noutro caso, os cafés/restaurantes cumprem uma função de divulgação cultural, funcionando como pólo de difusão dos artistas cabo-verdianos na diáspora. É assim no restaurante Vulcão, onde a decoração das paredes, para além de um quadro com uma perspectiva da ilha do Fogo, terra de onde é natural o proprietário, exhibe diversos *posters* de artistas cabo-verdianos radicados em Portugal, na Suíça ou no Luxemburgo. O contacto com eles ou

72

A este propósito, ver os trabalhos do sociólogo António Amador, de que é exemplo uma comunicação, integrada no tema «Novas Marginalidades e Novas Culturas na Periferia da Área Metropolitana de Lisboa», apresentada, em Maio último, no *Encontro do Vale da Amoreira sobre a Reabilitação Urbana*.

73

Em termos genéricos, pode dizer-se que é a variante cabo-verdiana do cozido português. Existem diversas versões, que vão da cachupa rica, que comporta diversos tipos de carne e enchidos até à cachupa de peixe, onde os vegetais são acompanhados por atum e imperador. Na versão mais popularizada, o milho, a favona e o feijão-vermelho são cozidos com toucinho, chouriço, entrecosto e mais alguns vegetais que completam a iguaria. É um prato pesado que deve ter bastante caldo, excepto na opção cachupa seca, consumida à ceia, após noites de cantoria. Neste caso, a cachupa requentada é passada pela frigideira e acompanhada por um ovo estrelado. Como diz um amigo «até puxa a carroça!».

74

A utilização do atum (fresco ou de conserva) é frequente na cozinha cabo-verdiana. Sopa de atum, bifés de atum e arroz de atum são alguns dos pratos que polvilham a culinária do arquipélago.

com os seus agentes pode ser efectuado a partir dali, até porque o local funciona como ponto de encontro de músicos e intérpretes, designadamente aos sábados à tarde.

Para além dos cafés, mais de uma dúzia de mercearias dá cor e animação ao Bairro. A maioria tem um leque de ofertas que vai dos produtos comuns (bolachas, farinhas, azeites, etc...) às «especialidades» africanas no domínio dos vegetais (inhame⁷⁵, quiabos⁷⁶, malagueta...), do peixe seco, das farinhas (de mandioca ou de pau...) e do óleo de palma.

A mercearia do Pascal, que visitámos num sábado de manhã, cumpre a preceito as especificidades mencionadas. Este camaronês residente em Portugal «já vai para dez anos», como frisa no seu sotaque afrancesado, habita com a mulher e o filho José (já nascido em Portugal) na Damaia. Os dois membros do casal trabalham na mercearia, embora a esposa só fale a língua da etnia *bamileke* e uma variante africana do inglês, que Pascal designa por *brooklin english* ou *broken english*. Para além do abastecimento local, o proprietário orgulha-se dos produtos africanos (legumes secos, pó de quiabo, peixe seco...) disponíveis no estabelecimento, muitos deles transportados directamente dos Camarões nas viagens por si efectuadas. Perguntamos por quiabos frescos, mas a resposta é negativa. Contudo, aponta-nos para um saquinho de pó de quiabo e diz que é tão bom ou melhor do que o outro. Não resistimos e trazemos o produto acompanhado por um outro saco de ervinha *bitalif*, base de um dos pratos de comida típica dos Camarões, o *ndolé*⁷⁷. Em virtude das nossas limitações em matéria de culinária da África Ocidental, o *bitalif* vem acompanhado de uma receita, descrita em inglês pela mulher do Pascal e aplicada com sucesso em momento posterior. Quanto ao pó de quiabo, deficiências de comunicação, falta de talento como cozinheiros ou simplesmente divergência de paladares levam-nos a sugerir a aquisição do fruto na sua variante fresca.

A conversa e a aquisição das vitualhas empurraram-nos para um almoço no Vulcão: de cachupa, claro está! Para desmoer passamos pelo Espaço Jovem para saborear os Dream Factory, antes de nos colocarmos em campo para investigar a actividade económica mais dinâmica da Cova da Moura: o corte de cabelo.

Nos últimos dois anos, tem-se assistido a uma multiplicação no número de barbeiros e

cabeleireiras da Cova da Moura, que actualmente se aproximam da quinzena, excluindo os semi-profissionais que trabalham em casa ou até à porta desta. Uma especialização em penteados africanos, com ou sem trancinhas, justificou a abertura de diversos estabelecimentos, onde a clientela não parece faltar. Já no sector masculino, a moda do cabelo curto com desenhos parece ter pegado, sobretudo entre as crianças e os jovens, pelo que novas barbearias não param de surgir.

Chicoza, alcunha por que é conhecido, é um destes artistas barbeiros que trocou a Assomada (em Santiago), onde se iniciou na actividade, pela Cova da Moura, com uma passagem de alguns meses pela Córsega, onde teve a oportunidade de aperfeiçoar a arte. Amizades e espírito de aventura conduziram-no à ilha francesa, mas alguns meses depois cansou-se e resolveu tentar Portugal. Chegou há cerca de um ano e tem trabalhado sempre em estabelecimentos de outros, como é o caso deste, simples, limpo e bem equipado. Penteados femininos ou cortes masculinos são sempre executados com empenho e perfeição, até porque Chicoza é um profissional eclético. Contudo, assume que o exemplo extremo da arte de barbearia corresponde à execução de cortes com desenhos, efectuados no cabelo dos homens. Possuidor de um caderno de modelos com diversos recortes susceptíveis de implantação no cabelo dos clientes, Chicoza executa também trabalhos originais, se o freguês apresentar uma ideia clara e exequível. Os preços variam com o trabalho envolvido na execução do corte/desenho, situando-se o símbolo da *Nike*, muito utilizado para decorar nuca, entre os mais baratos (cerca de 3000 escudos). O rendilhado artístico de uma borboleta, menos solicitado, mas igualmente interessante, já pode elevar o custo para valores próximos do dobro.

Se o comércio africano do Bairro também se situa no domínio genérico do empresarialismo étnico, as suas características apresentam diferenças face às iniciativas comerciais da população de origem indiana, exemplificada pelo caso de Santo António dos Cavaleiros. Em relação à Cova da Moura, a internalização não inclui apenas os factores trabalho e capital, situando-se também ao nível da clientela. Efectivamente, os estabelecimentos deste local assentam o seu funcionamento nas oportunidades oferecidas pela presença de uma forte concentração de africanos

⁷⁵ Planta das regiões tropicais e subtropicais, que possui um tubérculo comestível e saboroso.

⁷⁶ Fruto verde relativamente pequeno, com forma cónica, utilizado em diversos pratos africanos e brasileiros.

⁷⁷ Este prato consiste num refogado onde se mistura óleo, tomate, alho, pipiri e carne, além da ervinha acima mencionada.

que possuem algumas necessidades de consumo específicas, sejam elas do domínio alimentar, das deslocações ao país de origem ou do corte e tratamento do cabelo.

A tarde vai avançando, o que justifica a saída da barbearia e um passeio pelo Bairro, com o propósito de identificar alguns motivos presentes nas pinturas exteriores, designadamente aqueles que simbolizam o combate contra o racismo. Se há um território onde o potencial para as tensões raciais é maior, ele corresponde à cintura africana do município da Amadora que inclui, como é sabido, a Cova da Moura. Recentes inquéritos realizados por alunos universitários no concelho identificaram como uma das respostas à pergunta «problemas do local de residência», a difícil convivência entre brancos e negros, com os primeiros a revelarem uma xenofobia mais marcada. Para além de uma razoável separação dos espaços de sociabilidade destes grupos, no caso concreto da Cova da Moura, várias famílias brancas declararam evitar a colocação dos seus filhos na escola primária local⁷⁸. A sensação de estar em minoria, as diferenças culturais e o estigma que associa as crianças e os jovens africanos aos problemas do Bairro e à má qualidade do ensino é, em larga medida, responsável por este tipo de comportamentos.

Não vale a pena tapar o sol com a peneira e escamotear os problemas da Cova da Moura. Provavelmente, o número de jovens de origem africana do Bairro envolvidos no tráfico de droga ou na delinquência juvenil será superior ao de brancos, até porque são claramente majoritários no conjunto da população. Contudo, o controlo das redes a montante está, certamente, nas mãos de *dealers* brancos, provavelmente «bons» portugueses. Por outro lado, a maioria da população de origem africana trabalha e convive lado a lado com portugueses brancos, partilhando os mesmos desejos de qualidade de vida e ascensão social. Generalizações sem sentido, que tomam o todo pela pequena parte, eivadas de preconceitos injustos relativos à capacidade de trabalho, aos hábitos de higiene ou à prática de actos violentos, são de todo descabidas, até porque as motivações para os comportamentos anti-sociais radicam na miséria e nos seus elementos correlatos e não na cor da pele ou na origem étnica.

Para terminar o dia (agora já noite!), o jantar também tem lugar no Bairro, em casa de um casal amigo. João e Inácia, os dois na casa dos trinta e

tais, ilustram bem o perfil-tipo mais clássico das famílias cabo-verdianas em Portugal: chegaram na segunda metade dos anos 70, são naturais da mesma ilha (São Nicolau), conheceram-se em Portugal e têm quatro filhos comuns, tendo ele sempre trabalhado na construção civil e ela no sector das limpezas, tanto em estabelecimentos comerciais como em habitações. A vida do casal sempre decorreu na margem norte da Área Metropolitana de Lisboa, área onde nasceram todos os filhos. De início, habitavam num prédio degradado do Campo Grande, entretanto demolido. Após uma passagem breve por Montemor (concelho de Loures), acabaram por se fixar na Cova da Moura em 1990, tendo comprado a casa – «quase uma barraca», nas palavras de Inácia – a um conterrâneo. Este processo, relativamente frequente nos bairros clandestinos, ilustra o modo de funcionamento de um mercado habitacional paralelo activo, onde os contactos se efectuam de forma informal, muitas vezes com recurso aos canais das redes sociais dos imigrantes. Assim sendo, o reforço da etnicização de algumas periferias passa, também, pelo modo de funcionamento deste mercado residencial. A partir da frágil barraca «herdada» do anterior proprietário, ergueram uma habitação de dois pisos, fruto do trabalho familiar, orientado pela experiência de João.

Quando chegámos, João e um parente disputavam uma partida de *ouri*, jogo de mesa extremamente popular em Cabo Verde. O *ouri* envolve dois parceiros que movimentam 48 sementes por um conjunto de 12 covinhas (casas) executadas num pedaço de madeira de forma rectangular, frequentemente decorado com motivos diversos: animais domésticos, árvores, plantas... À medida que o jogo decorre, os parceiros vão «comendo» sementes, vencendo o jogo aquele que, no final, possuir maior número de grãos. Jogadores experientes, os dois Joões movimentam as sementes a um ritmo diabólico, escolhendo casas, efectuando contas, recolhendo aquelas que vão conquistando. Uma vez ou outra molham os lábios num copo de *whisky*, saído de uma garrafa instalada no bar que complementa a decoração da sala. Por motivos didácticos, experimentamos participar no jogo que de imediato se torna mais lento, perde algum ritmo e termina com uma bela derrota.

Um «Está na mesa!» interrompe as actividades masculinas e leva-nos para a sala de jantar, onde o arroz de cenoura com atum já vai espe-

⁷⁸ No ano lectivo de 1996-97, cerca de 60% dos alunos desta escola (EB1, N.º 3 da Buraca) eram cabo-verdianos, aproximando-se a totalidade dos alunos africanos de 80%.

rando. O jantar é animado por conversas diversas, com destaque para a música, até porque se comemora o dia de África com um festival que decorre em Algés e tem honras de transmissão directa na rádio. O casal e os quatro filhos gostam de dançar e de ouvir música africana, com destaque para o funaná e para as mornas, que os acompanha até no trabalho, seja no isolamento da grua colocada a mais de 50 metros do solo seja nos apartamentos onde Inácia faz as limpezas. Nalguns fins-de-semana dão o seu pezinho de dança numa das discotecas africanas de Lisboa ou dos arredores. Antigamente, este tipo de lazer era possível na Cova da Moura, mas sucessivos descatos e problemas levaram as duas discotecas a fechar recentemente, embora a bola de espelhos do bar/*dancing rock* ainda continue triste e simbolicamente suspensa no tecto da ex-discoteca, agora solitária e em provável transição funcional (futura mercearia,

stand de automóveis..., o antigo dono da discoteca ainda tem dúvidas...).

Outras temáticas vão decorando a conversa, desde o Benfica que sempre vai à Liga dos Campeões até à beleza das mulheres cabo-verdianas. Durante o mês de Agosto, toda a família vai passar férias a São Nicolau (Cabo Verde), tempo e espaço de reencontro desta microparcela da diáspora do arquipélago, uma vez que os «portugueses» se juntarão não só àqueles que ficaram mas também à família das primas oriundas da Holanda (Roterdão) e da Itália. Será um momento de festa, de reencontro e de (re)apresentação da terra de origem aos filhos, uma terra que também já se habituaram a amar. E no final da conversa ainda sobra espaço para a evocação do sonho, do desejo de retorno, até agora sempre adiado, mas quem sabe um dia materializado numa casinha na ilha do Sal, embalada pelas águas tépidas do Atlântico.